

Andrew Solomon

Um Crime da Solidão Sobre o Suicídio

Tradução de Constança Paiva Boléo

 QUETZAL

A um esteta que morreu jovem

In Memoriam T.R.K.

«Penso às vezes que, de algum modo, é pecado
Expressar em palavras o meu pesar:
As palavras, como a Natureza, de algum modo revelam
E de algum modo ocultam a Alma no seu interior.»

TENNYSON, *In Memoriam A.H.H.*

EM FEVEREIRO DE 1982, a meio do meu primeiro ano de faculdade, fui convidado para uma festa pela mais fascinante estudante de segundo ano que alguma vez conhecera (agora uma das minhas amigas mais próximas), e fiquei muito entusiasmado. Era um evento social de proporções perfeitas: um terço das pessoas eu conhecia; um terço eram pessoas que eu já tinha visto e que queria conhecer; e o outro terço eram pessoas que eu nunca tinha visto, pois habitavam uma estratosfera demasiado elevada para que fossem visíveis para pessoas como eu, algumas já no terceiro ou quarto ano. A festa foi numa residência de estudantes em Pierson. Spandau Ballet, Pat Benatar, The Human League, que cantavam «Don't You Want Me Baby», soam-me agora tão docemente nostálgicos quanto «Dixie», mas naquela altura tinham o frescor do orvalho da manhã. As pessoas usavam roupas que em 2010 pareciam ter voltado à moda pela quinta vez, mas naquela época eram novidade — apesar de grande

parte ter sido engenhosamente escolhida no Exército da Salvação. Naquela altura, a idade mínima para beber ainda eram os dezoito anos, por isso havia bebidas, e também algumas pessoas a consumir cocaína na casa de banho, porque, afinal de contas, estamos a falar da década de 1980. Eu não teria ficado mais entusiasmado e maravilhado se tivesse sido convidado para o casamento do príncipe Charles e Lady Diana Spencer no ano anterior. As pessoas eram espirituosas e engraçadas, estavam muito divertidas, dançavam, riam. Algumas estavam sentadas na zona de dança à meia-luz, outras sob a ofuscante fluorescência das escadas, e outras, ainda, em pequenos grupos no pátio banhado pelo luar. Eu odiara o secundário e sempre me sentira marginalizado, mas agora, ali, com todas aquelas pessoas extraordinárias, sentia que estava a viver um dos melhores momentos da minha vida. É difícil lembrar-me de todos os que participaram na festa, mas tentei fazê-lo recentemente e apercebi-me de que ainda sou grande amigo de mais de vinte das pessoas que lá estavam e que sou amigo, no Facebook, de pelo menos outras vinte e cinco. Digo sempre que Yale foi o início da pessoa que sou hoje, que era alguém muito diferente no ensino básico e secundário, alguém de quem mal me consigo lembrar, mas em Yale comecei a ser eu mesmo, e aquela festa ficará para sempre marcada como o momento em que essa mudança se tornou oficial.

Numa das salas, um homem de aparência teatral falava para um grupo de pessoas. Disseram-me que era o colega de quarto do namorado da Jodie Foster, e eu e ele começámos uma longa conversa. E, se aquela festa me parecia o centro do universo, ele parecia-me o centro desse centro. Todos iam falar com ele, e ele a todos beijava e abraçava, mesmo os mais atrevidos; apresentou-me a quantos eu não conhecia, tomando-me sob a sua alçada. Estava lisonjeado com a atenção, e um pouco perplexo com tudo aquilo, mas ali fiquei, e acabámos por conversar grande parte da noite. Quando, relutantemente, decidi abandonar a festa às três da manhã, para não parecer demasiado ansioso, ele disse-me: «Gostarias de ser meu colega de quarto para o ano?» Surpreendido, respondi impulsivamente que sim, mas que deveríamos falar melhor sobre o assunto; depois voltei a dizer que sim, e fui-me embora. Voltei para o meu quarto em Bingham Hall com a cabeça às voltas e agradáveis pensamentos. No dia seguinte, mencionei descontraidamente a várias pessoas que estava a ponderar ser colega de quarto de Terry Kirk no ano seguinte. Algumas ficaram visivelmente espantadas, outras foram um pouco cínicas e outras perguntaram-me se eu estaria preparado para isso. Eu não tinha a certeza de nada; nem sequer sabia se Terry estava a falar a sério. Não sabia se, como aluno

do primeiro ano, poderia ser colega de quarto de um aluno do segundo ano. Mas, dois dias depois, encontrei-me com Terry no Cross Campus, e ele disse-me: «E então? Sempre vamos partilhar o quarto?» E eu disse que sim com o mesmo sentimento com que, mais tarde, encararia o amor, as aventuras, as viagens e a vida, aquela sensação de se olhar para os dois lados, nos apercebermos de que é perigoso, mas mesmo assim avançarmos. Havia uma amabilidade em Terry, um fulgor, e uma exuberância, e essas qualidades faziam com que o *glamour* fosse menos assustador do que na verdade poderia ser.

Muitos anos depois, quando conversámos sobre aquela altura, Terry disse-me que não queria partilhar o quarto com alguém com quem pudesse querer ir para a cama — que percebi mais tarde representar uma parte considerável dos alunos universitários —, e que gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa por quem não se sentia fisicamente atraído. Passei algum tempo a tentar perceber se se tratara de um elogio, mas era verdadeiro e mútuo. Eu era terrivelmente reprimido naquela altura e muito relutante em reconhecer que poderia sentir atração física por alguém, mas não me sentia atraído por Terry, apesar de ele ser belo e radiante. Naquela época, eu mantinha a atração física e a romântica bem separadas, e nada

me convinha mais do que uma amizade completamente não erótica mas profundamente romântica, e era isso que nós tínhamos. Eu queria ser indómito e extravagante, mas era constrangido por uma noção de respeito pelo decoro bastante arraigada em mim, algo que agora me parece uma camisa de forças. Não havia nada que Terry imaginasse fazer que não fizesse, e isto aterrorizava-me e entusiasmava-me. Usava, regra geral, uma capa de lã verde espessa e um chapéu absurdo com uma pena. Desempenhava o papel principal em musicais e dançava da mesma maneira no palco ou fora dele — até mesmo quando esperava na fila do *brunch* em Davenport. Era usual ter um namorado e uma namorada, às vezes mais de um de cada género, e não era sexualmente exclusivo nem mesmo dentro destes frouxos limites. Interessava-se por tudo e por todos; aprendi com ele que as categorias são absurdas, que é possível divertirmo-nos em qualquer lugar. Não tinha absolutamente dinheiro nenhum, mas, algo inexplicável, parecia ter sempre à mão uma garrafa de champanhe Veuve Clicquot. Veuve Clicquot não era muito comercializado nos Estados Unidos em 1982, por isso devia ser novidade em todo o país, mas em Yale era um absurdo; as restantes pessoas bebiam Freixenet, se fossem demasiado pretensiosas para beberem só cerveja. De certa forma tenho alguma dificuldade em lembrar-me de tudo o que tornava Terry

tão fascinante, porque ele me ensinou muito do que de maravilhoso havia em si, e agora que a sua influência está entrelaçada com a minha personalidade, não consigo separá-la de mim. Não me lembro da pessoa que era antes de absorver o seu resplendor e a sua crença de que a vida é um breve exercício de prazer.

Férias da primavera, primeiro ano — entrei em pânico. Eu não queria ser homossexual; eu não seria homossexual. Se partilhasse o quarto com Terry Kirk, as pessoas iriam pensar que eu era homossexual. Se partilhasse o quarto com Terry Kirk, haveria grandes festas no meu próprio quarto, e jamais seria o falso menino WASP¹ que planeava ser. Eu considerava que as pessoas demasiado histriónicas eram falsas e que as pessoas de verdade eram contidas, moderadas e estavam concentradas nos estudos. Falharia se aquilo fosse adiante. Os meus pais perguntaram-me sobre a pessoa com quem iria partilhar o quarto, e eu resolvi, uma vez que Terry e o meu pai eram grandes entusiastas da ópera, que seria uma boa ideia convidar Terry para ir ver *Madame Butterfly* com a minha família. Ficámos de nos encontrar com os meus pais no apartamento deles para tomarmos um copo, a seguir irmos jantar

¹ Acrónimo que, em inglês, significa «White, Anglo-Saxon and Protestant» (Branco, Anglo-Saxão e Protestante). (*N. da T.*)

ao restaurante preferido da minha mãe e depois seguirmos para o Met para ver o espetáculo. Terry chegou meia hora atrasado, o que para a minha família era inaceitável num primeiro encontro, fosse qual fosse a situação. Além disso, apareceu com a capa verde e o chapéu e de calças brancas por dentro de botas Charles Jourdan de cano alto, que com toda a probabilidade não se destinavam ao público masculino. A impressão que causou foi o que poderíamos eufemisticamente chamar de uma figura galante. A minha mãe já tinha ficado incomodada com o atraso, e fiquei a observar, com o estômago às voltas, Terry a soltar uma enxurrada de charme que simplesmente se recusava a estancar sob o olhar fulminante dela. Agora mais velho e sensato, percebo que a minha mãe também deverá ter pensado que eu era homossexual, uma vez que ia partilhar o quarto com Terry Kirk, e que não estava nada satisfeita com a situação, mas, daquele momento, apenas recorro o grande alívio que senti quando a história de Cio-Cio-San, comparativamente feliz e nada teatral, se começou a desenrolar no palco.

Passei o verão a pensar que tinha sido um erro, mas já era demasiado tarde. Juntámo-nos e conseguimos arranjar uma suíte enorme no Silliman College, com um terceiro amigo, conservando a ideia de Terry de morar numa residência diferente a cada ano. Passei as

primeiras semanas do primeiro semestre, o meu segundo ano e o terceiro dele, a evitá-lo, o que não era fácil, pois dormíamos em beliches. A estratégia inicial de Terry foi ignorar a minha frieza e rudeza, e a minha estratégia foi passar todo o meu tempo no Jonathan Edwards College, onde se encontrava a maior parte dos meus amigos. Mas, por fim, Terry obrigou-me a ter uma conversa com ele. Não me lembro do que disse; nem imagino o que possa ter dito, mas lembro-me de Terry falar com sinceridade sobre sermos amigos independentemente do resto. Estaria a mentir se dissesse que a segunda metade do ano foi livre de tensão. Às vezes, ao sábado, eu queria voltar para a minha cama e dormir, e irritava-me com a presença de umas setenta pessoas numa festa para a qual Terry decorara o nosso quarto como se fosse um estaleiro de obras, com cones laranja, andaimes e o que parecia ser um enorme buraco no tecto. Às vezes, queria estudar e não ser distraído pelas luzes de Natal que ele instalara na pequena cornija arqueada que dava a volta ao quarto. Às vezes, eu queria convidar alguns amigos para estudarmos para um exame sobre Tennyson, e ficava desorientado com a presença, numa divisão de dezoito metros quadrados, de um tecto rebaixado todo coberto de tubérculos pendurados com linha de pesca e retroiluminados com celofane vermelho. Às vezes, ter pessoas a atirar copos de champanhe para a lareira

parecia-me um pouco excessivo às cinco da manhã. Mas de todas essas vezes também houve conversas sobre música, que eu adorava mas da qual Terry percebia muito mais do que eu, sobre arquitetura, de que eu de facto não percebia nada, mas Terry sim, e sobre a própria amizade. Gradualmente fui-me apercebendo de que era demasiado crítico em relação aos amigos dele, mas que ele recebia sempre bem os meus, e que conseguia, com a qualidade da atenção que dava, que cada pessoa se sentisse como uma celebridade, mesmo quando o seu objetivo era que a atenção se centrasse nele. Fiquei surpreendido ao ver que Terry levava o trabalho académico muito a sério, e dei-me conta de que ele adorava aprender, tanto quanto as pessoas de óculos manchados que eu considerava mais sérias do que ele. Curiosamente, foi a minha mãe quem comentou, depois de uma das suas visitas ao nosso quarto, que Terry era uma pessoa extremamente amável e o mais educado dos meus amigos.

Demorei muitos anos para perceber quão difícil era viver comigo. Eu estava em negação no que dizia respeito a uma boa parte do que havia de mais básico em mim, por isso, embora me sentisse atraído pela ausência de repressão de Terry, também sentia repulsa. Lembro-me de me ter irritado com ele quando entrei no quarto e o apanhei em flagrante com uma rapariga